



Boletim do Venerável D. António Barroso

Director: Amadeu Gomes de Araújo, Vice-Postulador
Propriedade: Associação dos Amigos de D. António Barroso. NIPC 508 401 852
Administração e Redacção: Rua de Luanda, n.º 480, 3.º Esq. 2775-369 CARCAVELOS
Tlm.: 934 285 048 "Chamada para a rede móvel nacional" – E-mail: vicepostulador.antoniobarroso@gmail.com
Publicação trimestral | Assinatura anual: 5,00€

III Série

Ano XIV

N.º 41

Janeiro / Março de 2024

O MISSIONÁRIO ANTÓNIO BARROSO DEFENSOR DOS DIREITOS DO HOMEM AFRICANO

Por Amadeu Gomes de Araújo

Sobre a originalidade do pensamento e da obra do insigne bispo missionário, o cónego Alcântara Guerreiro, também missionário e historiador, escreve que «o valor da sua obra reside no espírito reformador que a anima». E o Comissário Régio, António Enes, laico e insuspeito, que trabalhou de perto com o Prelado na distante colónia do Índico, corrobora esta opinião: o bispo Barroso é mestre de missionários porque não se limitou a repetir fórmulas e métodos, introduziu reformas, procurou caminhos novos. Soube aliar a acção à reflexão.

I - O respeito pelo homem

Transparece de alguns comentários que o padre António Barroso registou

no seu diário, bem como de relatórios que, anos mais tarde, como bispo, enviou ao governo em Lisboa, uma grande preocupação com as populações nativas. Homem do povo, oriundo de um estrato social indefeso, prestou sempre grande cuidado e atenção aos problemas do homem africano.

No início da sua carreira missionária no Congo, analisando as causas da derrocada das antigas Missões ali implantadas, concluiu que a escravatura foi uma das causas principais daquele desaire. Entendia, naturalmente, que não era possível aos africanos acreditarem na mensagem de europeus que, no dia seguinte, os arrebanhavam como escravos. Escreveu que «o poder do exemplo fortíssimo seduz, arrasta. Os missionários pregariam, sem dúvida, que os homens eram irmãos, (...) tratariam com

carinho e bondade os seus súbditos (...). Ao lado, porém, do missionário que levava o verbo redentor à raça desprotegida, estava o comprador de homens, o que estrangulava os laços que prendiam o filho ao pai, e a mãe à filha, o despovoador da região, o destruidor de todos os afectos, o homem sem coração, que ganhava punhados de ouro vendendo aquele que a religião lhe dizia ser seu irmão» (1).

Prosseguindo esta reflexão, numa conferência que proferiu na Sociedade de Geografia de Lisboa, em 7 de Março de 1889, e que ficou célebre, afirmou: «O preto é, por índole, paciente, chegando muitas vezes a revoltar-nos as humilhações a que é capaz de sujeitar-se; como ainda mais nos revolta o nenhum sentimento generoso que anima o europeu que lhas inflige. A quantos morticínios te-

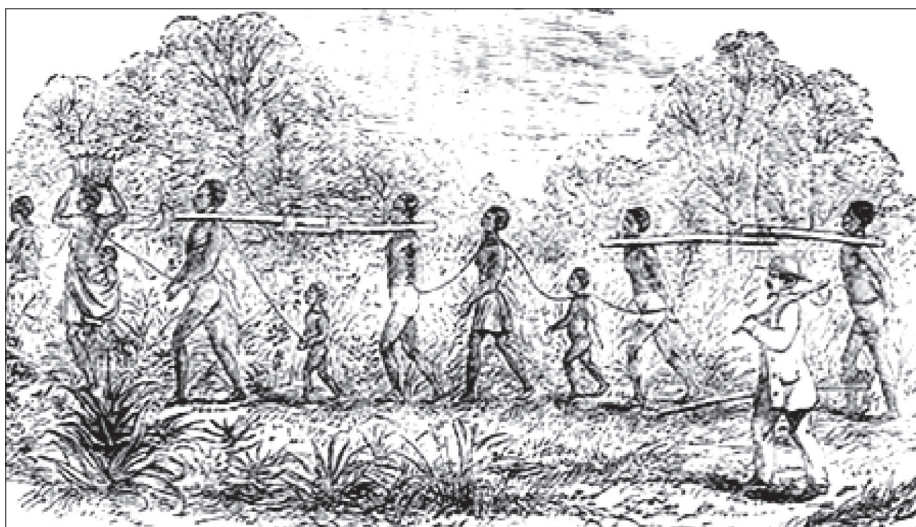


mos assistido na África ocidental? [...] Se alguém tem tratado com menos rigor o preto, somos com certeza nós, os portugueses» (2). Está convencido de que «os sentimentos nobres, a dedicação e o desinteresse não são exclusivo da raça branca, da raça civilizada».

2 - Mentalidade nova

Na última viagem que efectuou ao interior do território moçambicano, em Junho de 1895, teve conhecimento do comércio de escravos que os árabes ainda praticavam dali para Zamzibar, e denunciou tais práticas escravagistas.

Dois anos antes, numa viagem que fez a Lourenço Marques, lamentou a exiguidade de salário que recebia o trabalhador preto. Muitas das notas que tomou nas suas viagens para o interior, exprimem inquietações semelhantes. Registou com mágoa os desregramentos e a desordem que observou no vale do rio Zambeze, e que enlodavam a vida social. Lamentou ver negros brutalizados, explorados até à crueldade pelos arrendatários da Companhia do Zambeze, a quem, por incompetência ou falta de meios, por vezes as autoridades militares portuguesas se subalternizavam. Escreveu que «muzungos e capitães-mores devoravam como cancros o país» (3). Rico de recursos, mas mal



Transporte de escravos para embarque.

Na última viagem que efectuou ao interior do território moçambicano, em Junho de 1895, D. António Barroso teve conhecimento do comércio de escravos que se praticava dali para Zamzibar, e denunciou tais práticas.

administrado. Criticou as «guerras ruínas e quase sempre injustas» dos capitães-mores europeus. E acrescentou, com indignação: «Esta Zambézia tem sido um pinhal da Azambuja, um covil de crimes que nos deshonram.

É preciso terminar esta guerra e para isso pegar em muita gente que por aqui anda e pô-la em Timor. [...] Nestas coisas o preto é, em geral, quem paga as despesas e são os muzungos que recolhem os proveitos» (4).

Ficou mesmo muito preocupado com o que viu e ouviu na Zambézia. O

seu secretário, depois biógrafo, Pe. Oliveira Braz, escreveu, a propósito: «As sublevações dos pobres indígenas, provocadas quase sempre pelos desmandos e incapacidade dos commandantes militares, obrigando a grandes despesas com expedições para as castigar e reprimir, poderiam evitar-se com dispendio muito menor, fundando e dotando missões religiosas (...). Nunca a violência foi meio adequado a consolidar o reconhecimento perdurável d'uma soberania; e, por isso, os processos de colonização, por nós adoptados, amarguravam sobremaneira a alma do bondoso prelado pela sorte do pobre preto, sempre victima da crueldade dos Cpitães-móres e Mozungos e do abandono moral e material a que tem sido votado pela mãe pátria» (5).

3 - Insurgia-se contra ideias feitas

O Prelado acreditava nas capacidades do homem africano, e, a este propósito, escreveu: «Sei que há muito quem negue à raça preta a faculdade de se levantar da sua degradação actual, declarando-a incivilizável; na minha opinião, nada há mais falso do que este juízo; o preto é hábil como os brancos, e eu poderia citar muitos exemplos para comprovar o que avanço. Todo o mal nasce do meio social em que vive. Se me derem vinte crianças pretas e vinte brancas para eu



Brasil. Mercado de escravos.

Além da Índia, Brasil e Cuba foram principais destinos dos escravos provenientes de Moçambique.

O tráfico escravagista alimentou, durante séculos, um historial de crimes, intrigas, alianças e sublevações que deixaram marcas profundas nas sociedades africanas.





Nota de 10 angolares, com a efígie do padre Barroso, emitida em 1 de Junho de 1947, e verso da mesma nota. Em baixo, o missionário ensinando e educando, como é apresentado na face da nota.

A honradez e a nobreza de carácter do missionário António Barroso deixaram marcas nos povos do Norte de Angola, onde trabalhou nos primeiros oito anos da sua vida missionária, e ficaram, até, como referência naquela colónia. A nota/moeda de dez angolares, ali corrente em meados do século XX (ver imagens), parece comprová-lo, a par com expressões correntes nos negócios, ao longo de muitas décadas, como «Juro pelo Santíssimo Sacramento e pelo Padre Barroso», «Juro pelo sacramento Padre Barroso», ou, simplesmente, «Juro pelo Padre Barroso».

educar, segregadas umas e outras de todo o contacto externo à missão, eu prometo fazer dos pretos homens tão aptos, tão laboriosos e enfim tão honrados como os brancos». E acrescentou, a propósito:

«O preto pequeno, nem é destituído de inteligência, nem é desobediente e perverso; pelo contrário, é dotado de boas qualidades, que brevemente perde, atendendo às circunstâncias em que vive» (6).

Insurgia-se contra a ideia feita e bastante cómoda, para muitos governantes, de que o preto é rebelde à instrução e ao trabalho. Considerava tratar-se de um estribilho, de uma falsidade: «É muito fácil afirmar que o preto é rebelde à instrução e ao trabalho, é um estribilho banal que à força de repetido parece um axioma, e é uma falsidade, mas é um pouco mais difícil criar-lhe escolas que justifiquem merecer tal nome, e instituições de ensino adequado ao seu desenvolvimento e modo de ser actual. Enquanto a experiência se não fizer, eu pela minha parte, continuarei a acreditar que o preto é muito susceptível de aprender e de trabalhar, contanto que lhe facultem meios eficazes» (7).

A preocupação pelo homem africano é bem patente também no enorme interesse que revelou pela etnografia africana (8). D. António Barroso foi decerto a primeira voz da Igreja missionária que se fez ouvir, de modo recorrente, nos gabinetes dos políticos de Lisboa, em defesa dos direitos do homem negro.



NOTAS:

1 – BARROSO, António – O Congo. Seu Passado, Presente e Futuro. Comunicação à Sociedade de Geografia de Lisboa. In BRÁSIO, António – *D. António Barroso, Missionário, Cientista, Missiólogo*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1961, pp 100-101.

2 – Ibidem.

3 – BARROSO, António – Diário, citado por CUNHA, Amadeu – *Jornadas e outros trabalhos do Missionário Barroso*. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1938, p.143.

4 – Ibidem, pp. 121-122.

5 – BRAZ, Sebastião de Oliveira – *D. António José de Sousa Barroso – esboço da sua biografia*. Porto: Livraria Portuguesa Editora, 1921, p.66.

6 – ARAÚJO, Amadeu Gomes e AZEVEDO, Carlos A. Moreira Azevedo. *Réu da República, o Missionário*

António Barroso Bispo do Porto. Lisboa: Alêtheia Editores, 2009, p.211.

7 – BARROSO, António – Padroado de Portugal em África. Relatório da Prelazia de Moçambique. In BRÁSIO, António – *D. António Barroso, Missionário, Cientista, Missiólogo*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1961, p. 227.

8 – O Professor e etnógrafo Bertino Daciano Guimarães, num trabalho que publicou, em 1956, conta que D. António Barroso comparecia com frequência em manifestações de arte, e que se comprazia em discutir com os artistas: «D. António visitou, um dia, a exposição de certo pintor decorador, e, reparando que, num dos trabalhos, um preto havia sido colocado num plano muito inferior, voltou-se para o Artista e disse-lhe: O Senhor nunca conviveu com pretos!... Recordo com saudades os agradabilíssimos tempos que passei junto desses meus irmãos... e tantos encontrei de coração alvíssimo!».



CASA-MUSEU D. ANTÓNIO BARROSO (I)

Por Maria Isabel Lobarinhas Trigueiros

“No lugar de Moldes, junto à casa onde nasceu, mandou construir o saudosos bispo do Porto D. António Barroso uma modesta habitação onde viveu alguns momentos de descanso, que foram poucos, e os longos dias de exílio da sua diocese” (Teotónio da Fonseca, O Concelho de Barcelos Aquém e Além Cávado).

D. António Barroso, em 1904, já na condição de bispo do Porto, mandou edificar uma casa para sua habitação na sua terra natal – Remelhe –, junto à designada *Casa do Sousa* (Fig. 1, à esquerda), adquirida em 1871 pelos seus pais: José António de Sousa, carpinteiro que nasceu na *Casa de Santiago* (Fig. 1, ao centro), e Eufrásia Rosa Gomes Barroso, tecedeira que nasceu na *Casa do Barroso* (Fig. 1, à direita).



Fig. 1 – Casa do Sousa (esquerda); Casa de Santiago (centro); Casa do Barroso (direita).

A casa foi então construída em 1904 (as obras decorrem de 1904 a 1906, com o apoio do Paço Episcopal) e serviu de local de recolhimento/refúgio para o Bispo do Porto, entre 1911-1914, período em que foi decretado o seu primeiro exílio, em consequência dos confrontos com Afonso Costa (o “matafrades” do início do século XX), figura de destaque no regime político instituído na Primeira República, que preconizou a laicização do Estado Português. A chegada a Remelhe acontece a 10.06.1911 e aí se confina até ao momento em que surgiu no Parlamento uma proposta de levantar a interdição do Bispo Barroso viver na sua Diocese, retornando ao Porto no dia 14.03.1914. Estava terminado o primeiro desterro, vivido na sua terra natal, na casa que ele próprio mandara erguer (Fig. 2).

O único irmão de D. António Barroso, Manuel José de Sousa Barroso (1859-1934), é pai de cinco filhos: Firmino José (1884-1935), António José (1886-1962), Adolfo (1889-1959), Violante (1892-1974) e Abílio (1902-1966). Entre estes sobrinhos são escolhidos os herdeiros do património de Remelhe.



Fig. 2 – Casa de D. António Barroso.

“Os poucos bens móveis e imóveis que possuo na freguesia de Remelhe, concelho de Barcelos, lego-os a meus sobrinhos Maria Violante e Abílio (...) por me terem custado menos em dispêndio de educação (...). Aos mesmos fica

pertencendo tudo o que existir na minha casa de Remelhe, com excepção dos livros (...). Ficam, porém, onerados com a obrigação de, nessa casa, darem habitação a seus pais, e zelarem-nos até à sua morte (Testamento de D. António Barroso).

Com a morte de D. António Barroso, aos 63 anos de idade, no dia 31.08.1918, a casa é herdada pela sobrinha (Fig. 3, à esquerda) Maria Violante de Sousa Barroso (1892-1974), casada com António Joaquim Rodrigues Castelo Grande (1890-1984); por morte deste, a casa foi herdada pelo filho, José Barroso Castelo Grande (1923-2006), casado com Maria Cândida Machado Ribeiro (1924-2018), da freguesia de Carvalhas. Estes últimos proprietários da casa, como não tinham descendentes diretos, deixaram este bem a um sobrinho: António José Cardoso de Sousa Barroso (Fig. 3, à direita), sobrinho-neto de D. António, filho do segundo sobrinho, António José, conhecido por Professor Barroso (Fig. 3, ao centro), que ensinou as primeiras letras a tantos jovens remelhenses. O Professor Barroso, pai do atual proprietário da casa, foi casado em primeiras núpcias com uma senhora de nome Cristina de Jesus Macedo Pinheiro (1886-1918), que faleceu com a febre pneumónica e, mais tarde, casa com Joaquina da Costa Cardoso (1902-1972), mãe de António José C. de Sousa Barroso, atual, proprietário da casa, casado com Maria Eunice Oliveira Félix e pai de dois filhos: António José Oliveira Félix Barroso e Ana Filipa Oliveira Félix Barroso.



Fig. 3 – Violante Barroso (esquerda); Prof. Barroso (centro); António José C. Barroso, atual proprietário da casa (direita).

Chegados ao presente, constatamos que António José C. de Sousa Barroso transformou esta casa numa verdadeira Casa-Museu, já que, se fizermos uma consulta fácil e rápida na Wikipédia sobre o significado de Casa-museu, é-nos dito que significa "um tipo de museu que, abrigado num imóvel que serviu como casa de alguém, busca preservar a forma original, os objetos e o ambiente em que viveu aquela pessoa ou grupo de pessoas".

A casa foi muito bem intervencionada pelo atual proprietário, sobrinho-neto de D. António Barroso, respeitando a traça primitiva, em termos de tetos, soalho, mobiliário e decoração. Ainda temos bem presente o estado de conservação desta casa quando a visitámos em 2015. Estas obras de restauro permitirão, que este património associado à figura de António Barroso, bispo do Porto, constituído pelo edifício e seu espólio, perdure no tempo e seja a recordação viva de uma época.

Defronte a uma imponente árvore centenária (Fig. 4, à esquerda), ergue-se esta linda casa do início do século XX, de dois pisos, com uma inscrição no seu frontespício: "CASA ONDE VIVEU D. ANTÓNIO BARROSO" e "1904-1918" (Fig. 4, ao centro). No interior, o visitante fica inteiramente informado sobre o percurso de vida de D. António, graças a um conjunto constituído por vinte e oito placards, devidamente distribuídos pela casa (Fig. 4, à direita), elaborados aquando da celebração do Centenário da Morte do Missionário e Bispo do Por-



Fig. 4 – Árvore centenária defronte à casa (esquerda); Inscrição do frontespício da casa (centro); Dois placards entre retratos de D. António (direita).

to para a *Exposição Documental e Iconográfica sobre a vida e obra de D. António Barroso*, no Salão Nobre dos Paços do Concelho, e oferecidos ao proprietário da casa, depois de diligências por ele tomadas, junto aos responsáveis políticos na época: o Presidente da Câmara. Sr. Miguel Costa Gomes, e a Vice-presidente e Vereadora das Bibliotecas e Arquivos, Dr^a Armandina Saleiro: se nos é permitida opinião, estes placards sobre a biografia de António José de Sousa Barroso tiveram o destino devido e ajustado, já que em nenhum outro local tinham melhor enquadramento. É a prova de que tem de existir cooperação entre todos os intervenientes (particulares, entidades políticas locais/regionais, entidades religiosas...) de forma a tornar possível a divulgação do nome D. António Barroso e sua terra natal - REMELHE.

A entrada nobre da casa, no primeiro piso da fachada principal do edifício, dá acesso a um corredor (Fig. 5, à esquerda) que, do lado esquerdo, tem um compartimento com uma mesa oval repleta de livros (Fig. 5, ao centro), que se foram escrevendo ao longo dos tempos, sobre a vida e obra de D. António Barroso e, uma das curiosidades deste espaço é a presença de malas (Fig. 5, ao centro) que pertenceram ao Bispo do Porto e o terão acompanhado em muitas das suas viagens, quer fossem aqui na Europa, quer nos demais continentes por onde viajou. Do lado direito, temos um compartimento com as paredes repletas de retratos de D. António Barroso onde



Fig. 5 – 1º Piso (da esquerda para a direita): Corredor; Compartimento do lado esquerdo; Malas de viagem; Compartimento do lado direito.

se encontram vitrines com documentos vários (Fig. 5, à direita), todos devidamente etiquetados, nomeadamente: "Carta de D. António Barroso, como Bispo de Himéria, para o Conselheiro Francisco Ferreira do Amaral, Ministro da Marinha e do Ultramar",

Fac-Simile – Original na Torre do Tombo (Fig. 6, à esquerda); "Nomeação de D. António Barroso como sócio honorário da Fraternidade Cristã", Porto, 20 de Agosto 1899; "Panfleto a apelar aos padres o voto em D. António Barroso, candidato a deputado pelo Partido Progressista, nas eleições" de 1 de Maio de 1901; "Cartão Postal do Papa Leão XIII aquando do seu Jubileu Pontifício", Roma 1903 (Fig. 6, ao centro); "Nomeação de D. António Barroso como Prior Honorário da Irmandade de Nossa Senhora da Lapa, saudando o seu regresso ao cargo de Bispo do Porto", Porto, 30 de Abril de 1914; [Carta Depoimento da Juventude Católica da Louzada a D. António Barroso saudando "inflamados de santo jubilo" o regresso do "nosso bondoso Prelado ao seio de seus filhos" (cargo de Bispo do Porto)]; "Nota de 10 Angolares, de Angola, do Padre D. António Barroso. É a única nota emitida pelo Estado Angolano com a esfinge de alguém ligado ao clero", Angola 1947 (Fig. 6, à direita).

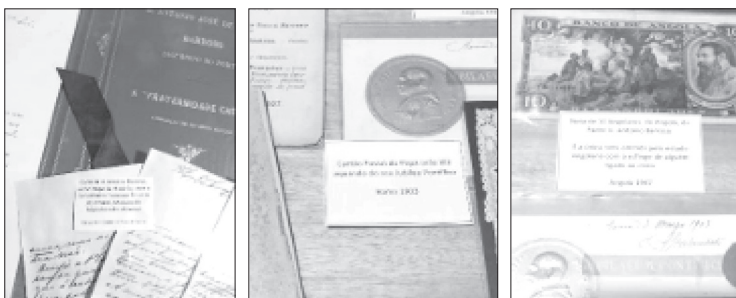
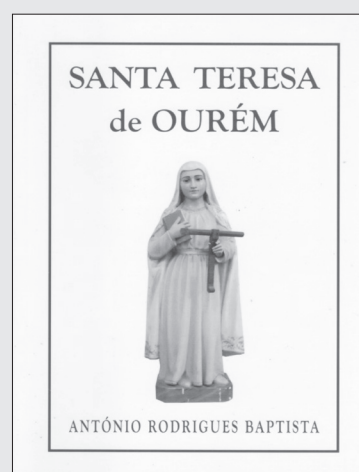
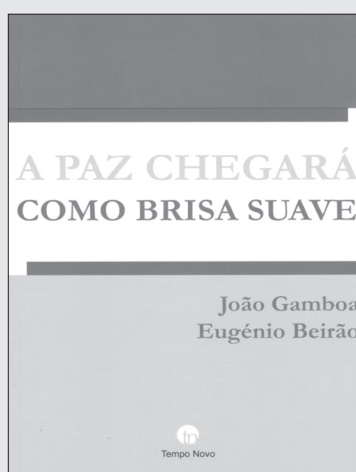
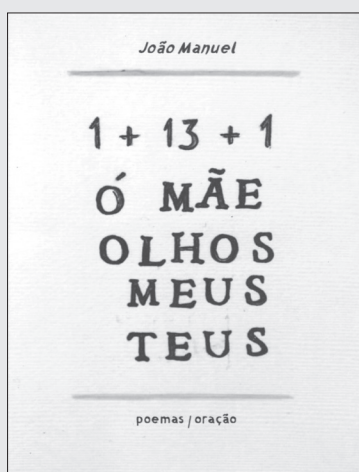
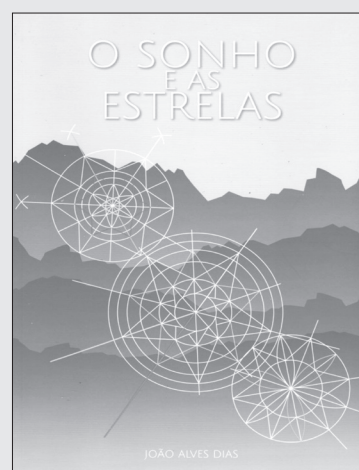
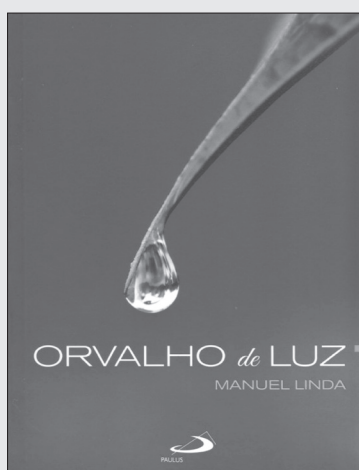
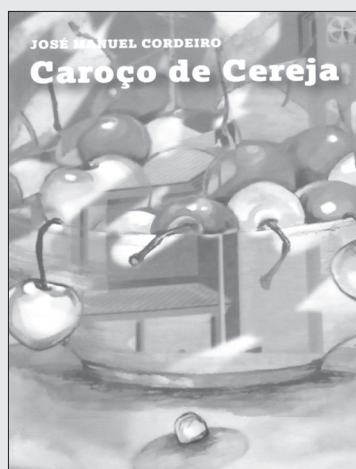
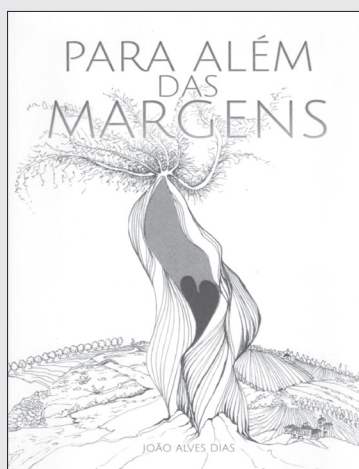


Fig. 6 – Documentos no compartimento do lado direito do 1º Piso.

Continua no próximo Boletim.

TRIBUNA DO LEITOR



Alguns amigos da Causa de D. António Barroso tiveram arte e engenho para escrever, e bondade para nos oferecer as obras acima apresentadas. Um transmitem olhares críticos sobre a espuma dos dias, outras enunciam reflexões profundas de carácter teológico. Vão da poesia à investigação histórica. Algumas alentam-nos com flocos de espiritualidade, sobre outras pairam nuvens de incenso. A variedade dos temas é condizente com a grande qualidade dos seus autores: D. Manuel Linda, D. José Cordeiro, Dr. João Dias, Pe. Adelino Ascenso, Prof. Dr. António Baptista, Prof. Dr. João Amado e Dr. João Gamboa (a quem, por lapso, no último n.º do boletim, chamamos João Galamba. Pedimos desculpa). Uma palavra de gratidão para todos, para cada um. Temos vindo a ler estes livros com muito agrado e seguirão depois para a Biblioteca do Centro Social D. António Barroso, em Remelhe, Barcelos.



Conheça o
Venerável D. António Barroso
leia

www.domantoniobarroso.pt

Feliz Páscoa!

GRAÇAS RECEBIDAS

Em 19/12/2023, recebemos do Sr. Alfredo Carvalho Lopes, a seguinte exposição:

“Narração de uma graça concedida por intermédio de D. António Barroso:

No verão do ano passado quando procedia à retirada do fonelho das espigas no campo, umas folhas de milho secas passaram-me pelo olho esquerdo, ferindo-o.

Com a preocupação do acontecido, fui lavar os olhos e notei que a lente colocada pelo médico quando da operação das cataratas estava riscada e a vista ferida (vermelha), dando-me a sensação de ter teias de aranha na vista.

Esperei uns dias mas a sensação da teia continuava. Pensei marcar uma consulta no médico, e assim o fiz. A consulta demorava uns dias e tinha de me deslocar ao hospital de S. João no Porto.

Lembrei-me então de pedir a D. António Barroso - do qual sou devoto - a sua ajuda. Ao fim de uns dias os riscos e a sensação da teia desapareceram.

Não sei se esta minha narração ajuda na sua beatificação, ficam os agradecimentos a D. António.

Alfredo Carvalho Lopes, de 80 anos, morador na rua de Perrelo, Várzea, Barcelos”.

CONTAS EM DIA

A última relação de contas (até 30 de Novembro de 2023), está disponível no Boletim n.º 40, III Série. De 1 de Dezembro de 2023 até 29 de Fevereiro de 2024, realizaram-se as seguintes **despesas**: Escola Tipográfica das Missões (Boletim n.º 40): 600,18 €; Consumíveis e correio: 65,00 €. **TOTAL : 665,18 €.**

No mesmo período, recebemos os seguintes **donativos** para apoio à Causa da Canonização e despesas do Boletim: D.ª Laurinda Fonseca do Vale: 200,00 €; Dr. João Gamboa: 150,00 €; Sr. Manuel Augusto Senra: 10,00 € (de D.ª Maria de Lurdes Ribeiro e Sr. Martinho Silva Pombo); Dr. João Amado: 40,00 €; D.ª Leontina Cabral: 40,00 €; Dr. João Alves Dias: 50,00 €; D.ª Maria Eugénia Campinho: 50,00 €; D.ª Maria Adelaide Meireles: 30,00 €; D.ª Maria Ermelinda Melo Osório: 60,00 €; Dr. António José Gonçalves Barroso: 100,00 €; Dr. José Ribeiro N.: 150,00 €; D.ª Vera Matos: 250,00 €; D.ª Maria Gorete Araújo São Bento: 50,00 €. **TOTAL: 1.180,00 €.**

**PARA APOIO À CAUSA DA CANONIZAÇÃO OU DESPESAS DO BOLETIM,
USE A CONTA DE D. ANTÓNIO, NA C.G.D.:**

NIB: 003505420001108153073 IBAN: PT50003505420001108153073 BIC: CGDIPTPL

MORADA DO BOLETIM:

RUA DE LUANDA, N.º 480 3.º ESQ. / 2775-369 CARCAVELOS / CASCAIS